

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

O PROGRAMA PIBID DIVERSIDADE DA UTFPR DE DOIS VIZINHOS NO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO SANTA INÊS / CHOPINZINHO

Rosane Ivaz Sikorski¹
Jeferson Bruno Barbosa²
Solange da Silva Dalastra³

Resumo: Relato sobre a experiência do Programa PIBID Diversidade da UTFPR de Dois Vizinhos no Colégio Estadual do Campo Santa Inês – Chopinzinho – PR. O cronograma de atividades ainda está em andamento, porém já foi possível estabelecer algumas conclusões preliminares, bem como identificar os desafios presentes na proposta assumida e sua contribuição para o Programa e para a Escola como um todo.

Palavras-chave: Relato de experiência. Pibid Diversidade. Educação Campo.

Introdução

Em 2014, o Programa Pibid Diversidade da UTFPR de Dois Vizinhos incluiu em seu cronograma atividades no Colégio Estadual do Campo Santa Inês. O Colégio Estadual do Campo Santa Inês, desde 2009, vem aprendendo e ampliando sua forma de agir em favor proposta da Educação do Campo. Compreende que

“a escola deve realizar uma interpretação da realidade que considere as relações mediadas pelo trabalho no campo, como produção material e cultural da existência humana. A partir dessa perspectiva, deve construir conhecimentos que promovam novas relações de trabalho e de vida para os povos no e do campo.” (PARANÁ, 2006, p.32)

Nesse sentido, juntamente com o programa Pibid foi definido como meta entender melhor o campo a que se refere a proposta assumida pela escola para a partir deste pressuposto entender o que de fato pode significar a Educação do Campo.

Num breve estudo sobre a escola é possível identificar que a mesma é formada por várias realidades do campo formando uma só comunidade nuclearizada pela escola.

Diante disso, foi assumido como proposta inicial desenvolver uma pesquisa com os alunos para identificar as comunidades que compõem a escola e a partir daí investigar as características da realidade onde a escola está inserida.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Dois Vizinhos. Bolsista Pibid. rosaneivaz@hotmail.com

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Dois Vizinhos. Bolsista Pibid. brunobarbosa@hotmail.com

³ Pedagoga com especialização em Gestão do trabalho pedagógico. Supervisora no Programa Pibid Diversidade UTFPR de Dois Vizinhos – PR solangedalastra@hotmail.com

O levantamento dos dados na forma de uma breve entrevista com os alunos possibilitou a definição de alguns setores de acordo com a proximidade das comunidades. A partir dessa informação foram elaborados eventos de aproximação com as comunidades.

Além dos encontros nos setores, com pequenos grupos de pais, foi planejado um evento final reunindo todos alunos, seus responsáveis, comunidade escolar, pibidianos, universidade e demais envolvidos no projeto.

Os pibidianos visitaram algumas famílias na abrangência indicada identificando elementos que viessem a complementar as informações fornecidas pelos alunos e que pudessem ser valorizados nos encontros.

Desenvolvimento

O grupo de Pibidianos, juntamente com a supervisora, o diretor da escola estadual Luiz Carlos Estolaski, a diretora da escola municipal Janete B. Brondani, alguns alunos da escola e o coordenador de área do Pibid visitaram as comunidades, buscando conhecer a realidade dos alunos e famílias atendidos pela escola, bem como suas concepções em relação à escola.

1795

Na comunidade do Arroio Bonito, num povoado próximo a rodovia, observamos famílias que possuem áreas muito pequenas de terra e trabalham como assalariados em diversos locais, até mesmo fora do município em empresas que fazem o deslocamento com um ônibus da empresa. Nas visitas seguintes, nas comunidades de Santa Maria, Reserva Indígena (Guarani), Palmeirinha e Volta do Luciano, muitas situações foram semelhantes entre pequenos povoados de assalariados com pequenas áreas de terra. Algumas destas famílias vivem em um pedaço de terra que dá apenas para construir a casa e no máximo uma horta, sendo que a renda vem do trabalho de algum membro da família que vende sua força de trabalho ou é aposentado.

Nas visitas às comunidades do Alto Bugrinho, Bugrinho, Nova Conquista, Cristo Rei, Nossa Senhora de Fátima e Passa Quatro e Mato Branco a realidade observada era bem diferente. Famílias que moram há mais de 20 anos e algumas do reassentamento do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB. Em sua maioria possuem áreas de 4 a 30 alqueires com plantio de soja, milho, feijão e trigo; e também a produção de leite. Nessas famílias há ex-alunos que estão no Ensino Superior e os que estão ainda cursando o Ensino

Médio pretendem ingressar no Ensino Superior, destacando como preferência o curso de Agronomia.

Na visita ao Assentamento Nova Conquista, o casal assentado há cerca de 30 anos, relatou um pouco da história da comunidade e como está atualmente. Na comunidade do Bugre Alto, divisa com a comunidade Cristo Rei foi visitada uma família que está na região há cerca de 50 anos. A família foi muito presente na vida da escola, participando dos conselhos e contribuindo com avanços da escola, como a conquista do ensino médio no período que foi o primeiro presidente da APMF.

Na comunidade do Mato Branco destacamos as famílias de tradição alemã, onde, em duas delas a filha ainda está estudando na escola e o filho já concluiu e atualmente ajuda nas atividades produtivas junto à família. Uma possui 9 alqueires de terras próprias e 36 em inventário onde produzem grãos e leite. A outra família, tem 80 alqueires de terra cultivados em sociedade entre parentes, devido a área pertencer a anciões da família. A cultura é preservada em festas e comidas típicas da comunidade onde reúnem-se com outras famílias da mesma origem.

1796

Na sequência visitamos a Reserva Indígena Kaingang. Como as lideranças da comunidade (cacique e vice-cacique) não estavam presentes as pessoas que encontramos se diziam impossibilitadas e sem autorização para dar informações.

Na comunidade de Santa Inês, na área de reassentamento das famílias que foram atingidas pela barragem da hidrelétrica de Itá, uma família visitada comprou o lote de uma família que foi reassentada há 19 anos. Sua área é de 14,47 hectares, que são ocupados com a produção de cereais. Como não dispõem de máquinas, contratam de particulares. Recentemente aplicou um projeto de produção agroecológica integrada e sustentável (PAIS), que consiste em uma horta circular com um galinheiro no centro e um pomar em torno deste sistema onde se realiza produção de hortaliças frangos, ovos e frutas sem utilização de agrotóxicos e adubos químicos. A esposa é professora na escola e eles tem dois filhos matriculados na escola de Santa Inês. Falando em Educação do Campo, eles manifestaram conhecimento e interesse nessa proposta. Inclusive a professora já teve a oportunidade de formação nessa área. Em outra família que participou da luta pelo reassentamento quando a barragem da usina alagou suas propriedades, relataram que na época os atingidos reivindicavam além da terra, também o provimento de recursos como habitação, crédito,

correção e melhoramento do terreno, estrutura para a comunidade, equipamentos para a produção e educação, inclusive foi nessa época que a escola de Santa Inês foi ampliada para atender as novas demandas. A renda da família vem da produção de tabaco, feijão e milho. A produção, excluindo o tabaco é feita de uma forma voltada à agroecologia; porém com dificuldade por exigir mais tempo de trabalho no cultivo.

Assim, há famílias com boas áreas produtivas e bem estruturadas com boas condições de vida, algumas possuem relações de associativismo na busca de diminuir o capital investido em maquinários agrícolas e outras de assalariados no campo e assalariados nas indústrias da região.

Quanto aos encontros, as famílias disseram ser uma boa iniciativa de interação entre os professores, os alunos, os pais com a condição e a diversidade da localidade. Os pais demonstram interesse em participar.

Todos relataram estimular os filhos a estudar reconhecendo a importância do estudo. Alguns com a perspectiva de melhorar sua formação e dar continuidade a vida no campo de maneira mais avançada e outras por desejarem ter a opção de exercer profissões fora do meio rural.

Logo, a escola tem uma grande diversidade de alunos, muitos em condições de pobreza. Isso tudo torna o trabalho desafiador, sendo a escola o espaço de interação dos alunos de diversas realidades, experiências e perspectivas de vida.

Foram iniciados os encontros setoriais da seguinte forma: I. Alto Bugrinho, Bugrinho e Nova Conquista na comunidade do Alto Bugrinho. II. Mato Branco, Arroio Bonito, Linha Luiz e Pedra Miúda na comunidade do Mato Branco. III. Palmeirinha, Volta do Luciano e Santa Maria na comunidade da Palmeirinha.

Ainda não foram realizados os encontros das seguintes comunidades: IV. Nossa Senhora de Fátima, Passa Quatro e Santa Inês na comunidade Nossa Senhora de Fátima. V. Passo Liso (Reserva Indígena Kaingang).

Nos encontros realizados foram apresentados os objetivos do Pibid na escola, os resultados preliminares da pesquisa realizada, assuntos referentes a organização da escola e questionamentos aos participantes que venham a contribuir o direcionamento da proposta de Educação do Campo assumida pela escola e pelo PIBID Diversidade.

Nesses encontros, um fato nos chamou a atenção: não foi tão simples nos comunicar com os pais como imaginávamos, no que diz respeito a caracterização das classes sociais presentes no campo e em relação a educação do campo. Mas quando questionados, mais detalhadamente, sobre suas compreensões sobre a realidade e o papel da escola na formação de seus filhos conseguiram expressar suas opiniões.

Embora ainda faltem dois encontros, foi possível nos encaminhar para algumas conclusões com base em apontamentos feitos pelos participantes.

Conclusão

Como vimos, não é possível falar em Educação do Campo como se houvesse somente uma realidade do Campo e que todos tivessem as mesmas experiências. O Campo apresenta uma diversidade de realidades e experiências a serem consideradas no processo educativo.

As famílias, em geral, tem consciência da diversidade em que a escola está inserida e afirmam que o empenho da escola deve ser o de atender a toda essa diversidade se dedicando a cumprir o seu compromisso com todas elas.

1798

A comunicação com os pais no sentido de uma reflexão mais aprofundada sobre Educação do Campo apresenta grandes desafios devido a vários fatores, entre eles, a falta de disponibilidade de tempo e a linguagem pouco acessível, porém para a construção de uma proposta de Educação do Campo essa reflexão é indispensável. Foi possível observar que parte da dificuldade é que o tema ainda é uma novidade e certamente com a continuidade das reflexões será possível avançar na comunicação.

Referências Bibliográficas

PARANÁ. SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares da Educação do Campo. Curitiba, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf Acesso em: 20 set. 2014.